



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADE - CAMPUS III  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**GÉSSICA KAJAMYLLE DA SILVA LIMA**

**DE MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS RESSIGNIFICADAS EM  
*CORDA BAMBA*, DE LYGIA BOJUNGA**

**GUARABIRA-PB  
2019**

**GÉSSICAKAJAMYLLÉ DA SILVA LIMA**

**DE MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS RESSIGNIFICADAS EM  
*CORDA BAMBA*, DE LYGIA BOJUNGA**

Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras.

**Área de concentração:** Literatura Infantil e Juvenil.

**Orientadora:** Prof. Dr<sup>a</sup> Rosângela Neres Araújo da Silva.

**GUARABIRA-PB  
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L732m Lima, Gessica Kajamylyle da Silva.  
De memórias e experiências ressignificadas em corda bamba, de Lygia Bojunga [manuscrito] / Gessica Kajamylyle da Silva Lima. - 2019.  
42 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.  
"Orientação : Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva, Coordenação do Curso de Letras - CH."  
1. Literatura infantil . 2. Lygia Bojunga. 3. Corda Bamba. 4. Identidade. 5. Literatura juvenil. I. Título  
21. ed. CDD 372.24

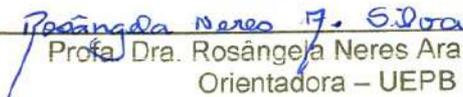
GÉSSICAKAJAMYLLÉ DA SILVA LIMA

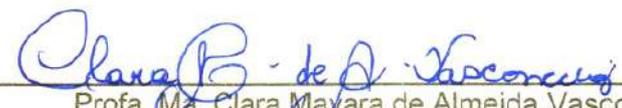
**DE MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS RESSIGNIFICADAS EM  
CORDA BAMBA, DE LYGIA BOJUNGA**

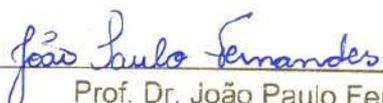
Trabalho de Conclusão de Curso em  
Licenciatura Plena em Letras da  
Universidade Estadual da Paraíba,  
como requisito parcial à obtenção do  
título de licenciada em Letras.

**Área de concentração:** Literatura  
Infantil e Juvenil.

Aprovado em: 04/06/2019.

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva  
Orientadora – UEPB

  
\_\_\_\_\_  
Profa. M<sup>a</sup>. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos  
Examinadora – UEPB

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. João Paulo Fernandes  
Examinador - UFPB

A minha irmã, Ingridy Lima, por todo esforço, dedicação e por sempre acreditar em mim. A minha mãe que com todo amor e carinho nunca mediu esforços para que eu chegasse até aqui.  
**DEDICO!**

## AGRADECIMENTOS

A Deus, criador de todas as coisas e responsável por todas as minhas conquistas.

À minha mainha, Constância Lima, por todo amor e dedicação de sempre, sem a senhora não vivo.

Aos meus irmãos, Vavá e Neguinho, que sempre contribuíram para eu ser quem sou hoje.

À minha irmã, Ingridy Lima, que acreditou na minha capacidade, quando me inscreveu no curso de Letras.

A meu cunhado, José Rangel, por sempre está junto a mim, dando o apoio psicológico necessário.

À meu companheiro, Francisco Silva, por todo amor e companheirismo.

À amiga, Luiza Benício, que sempre esteve presente, nessa caminhada, me oferecendo seu apoio e seu companheirismo.

À amiga, Letícia Marinho, por com toda sua tranquilidade, trazer paz aos dias de estresse.

À minha gatinha Menininha, por me acompanhar nas noites de estudos.

À minha orientadora, Rosângela Neres, por todas as contribuições, por ter tido paciência em todos os dias de ansiedade e por fazer eu me apaixonar pela literatura infantil e juvenil.

A todos os professores, que contribuíram com a minha formação acadêmica.

À coordenação de aperfeiçoamento de pessoal do nível superior (CAPES), por me proporcionar acesso a pesquisa, por meio dos programas Pibid e Residência Pedagógica.

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades  
Muda-se o ser, muda-se a confiança  
Todo o mundo é composto de mudança  
Tomando sempre novas qualidades.

CAMÕES (2011)

## RESUMO

A Literatura infantil e juvenil contribui há muitos anos, na educação de crianças e adolescentes, com o objetivo de chamar a atenção do público infantil e juvenil. Com o passar dos anos, a literatura foi ganhando novos moldes e no Brasil, a literatura infantil e juvenil atual contribui para que as crianças e adolescentes desenvolvam, ao longo de sua educação literária, competências interpretativas para que possam potencializar o domínio da linguagem, auxiliando na construção e desenvolvimento da identidade da criança e do jovem leitor. Nessa perspectiva, temos como objeto de estudo a obra *Corda Bamba*, da autora Lygia Bojunga. O objetivo desse estudo foi a análise das memórias da personagem principal da história, Maria, utilizando o método crítico-analítico, estruturado metodologicamente por uma revisão de literatura, organizada através da leitura de estudiosos como Cademartori (2006), Candau (2012), Colomer (2017), Heller (2013), Santos (2006), entre outros autores que suscitam reflexões acerca da análise proposta. A questão norteadora da nossa análise literária trata-se da seguinte indagação: como Maria consegue ressignificar suas memórias para ir em busca de sua identidade? Justificamos a escolha do objeto pela necessidade de enaltecermos a literatura infantil e juvenil que mais se aproxima da realidade social, tratando assuntos de importância coletiva, como a obra de Lygia Bojunga. Dessa maneira observamos através do percurso feito por Maria, em busca de superar os traumas e as perdas, uma criança que busca por equilíbrio para superar a morte de seus pais e construir sua própria identidade.

**Palavras-chave:** Literatura infantil e juvenil. Lygia Bojunga. Corda Bamba. Identidade.

## ABSTRACT

Literature for children and young people has been contributing for many years to the education of children and adolescents, with the aim of bringing joy and attention to the children and young people. Over the years, literature has been gaining new ground, and in Brazil, children's and young people's literature contribute to the development of children's and adolescents' literary skills in order to enhance language skills, helping in the construction and development of the identity of the child and the young person. From this perspective, we have as object of study the work *Corda Bamba*, by the author LygiaBojunga. The objective of this study was the analysis of the memories of the main character of the story, Maria, using the critical-analytical method, structured methodologically by a literature review, organized through the reading of scholars as: Cadermatori (2006), Candau (2012), Colomer (2017), Heller (2013), Santos (2006), among other authors that give rise to reflections about the proposed analysis. The guiding question of our literary analysis is the following question: how does Mary manage to re-significate her memories to go in search of her identity? We justify the choice of the object by the need to extol the children's and youth literature that comes closest to social reality, dealing with matters of collective importance, such as the work of LygiaBojunga. In this way we observe through the path made by Maria, seeking to overcome traumas and losses, a child who seeks balance to overcome the death of his parents and build their own identity.

**Keywords:** children and youth literature. Lygia Bojunga. Resignification.identity.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL NA ATUALIDADE.....</b>	<b>13</b>
<b>3</b>	<b>A NARRATIVA PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES .....</b>	<b>19</b>
<b>4</b>	<b>A ESCRITA DE LYGIA BOJUNGA REFLETIDA EM <i>CORDA BAMBA</i> .....</b>	<b>22</b>
<b>5</b>	<b>DE MEMÓRIAS E SENTIMENTOS: A HISTÓRIA DE MARIA .....</b>	<b>25</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>40</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>42</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A Literatura infantil e juvenil contribui há muitos anos, na educação de crianças e adolescentes. Desde Perrault, quando os contos infantis foram adaptados com o objetivo de alegrar e chamar a atenção do público infantil e juvenil daquela época.

Com o passar dos anos, a literatura foi ganhando novos moldes e no Brasil, Monteiro Lobato chegava para romper os padrões da época. A literatura infantil e juvenil atual contribui para que as crianças e adolescentes desenvolvam, ao longo de sua educação literária, competências interpretativas para que possam potencializar o domínio da linguagem, auxiliando na construção e desenvolvimento da identidade da criança e do jovem.

A narrativa para criança foi desenvolvida para aproximar a linguagem que proporcione ao público uma leitura prazerosa e de fácil interpretação. Nessa perspectiva, surge Lygia Bojunga Nunes, nascida em Pelotas, no ano de 1932, escritora e atriz de teatro. Começou sua vida literária ao publicar obras direcionadas ao público infantil e juvenil, a exemplo da *Corda Bamba* que foi publicada no ano de 1979, livro que proporcionou a escritora o prêmio Hans Cristian Andersen, que é configurado como destaque da categoria infantil. Em 2004, a autora é a primeira escritora infanto-juvenil a ganhar o prêmio *Astrid Lindgren Memorial Award*, criado pelo governo da Suécia. Em 2006, criou a Fundação Cultural Lygia Bojunga com o objetivo de desenvolver ações para popularizar a literatura infantil e juvenil.

Em um contexto histórico em que o Brasil vivenciava o regime de ditadura militar, época em que os escritores eram proibidos de exercer a sua liberdade de expressão, Bojunga surge com uma escrita que abordava temas sociais que relatava as necessidades e dificuldades enfrentadas pelo povo. A autora tratava o contexto social dando vida a seus personagens, tecendo vários tipos de críticas diretas e indiretas. É importante destacar que sua escrita permanece viva até hoje e a cada dia é renovada, revelando a importância de suas obras.

Nessa perspectiva, a presente pesquisa possui como objeto de estudo a narrativa *Corda Bamba*(1979), na qual, temos por objetivo analisar as

memórias da personagem principal da história, utilizando o método crítico-analítico, estruturado metodologicamente por uma revisão de literatura, organizada através da leitura de estudiosos como: Cademartori (2006), Candau (2012), Colomer (2017), Heller (2013), Santos (2006), entre outros autores que suscitam reflexões acerca da análise proposta.

Diante de todo o universo de perdas constantes e mudanças bruscas na vida de Maria, principal personagem da obra, temos como problemática da pesquisa, a tentativa de responder ao seguinte questionamento: como Maria consegue ressignificar suas memórias para ir em busca de sua identidade?

Nesse sentido justificamos o tema escolhido pelo fato da narrativa juvenil ainda ser mascarada por outros tipos de literatura, muitas vezes os jovens se concentram na leitura de narrativas *bestsellers*<sup>1</sup>, deixando de lado textos riquíssimos da nossa literatura, que retratam a realidade concreta do povo brasileiro. A obra possui aspectos da vida de muitas crianças e adolescentes, tornando o tema ainda mais interessante e prazeroso, com uma análise social.

O trabalho está estruturado, primeiramente, pela introdução, seguida do capítulo ao qual foi destinado para a contextualização da literatura infantil e juvenil. No capítulo seguinte, temos a descrição da narrativa infantil e juvenil, bem como a estética da escrita de Lygia Bojunga. Logo em seguida realizamos a análise, que destaca as memórias de Maria e a importância delas para a construção identitária da personagem, por fim procedemos as considerações finais, refletindo acerca de todo o estudo proposto.

---

<sup>1</sup> É considerado *Bestseller* a obra que ganha destaque pelo seu número de venda, ficando popular entre o público.

## 2 A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL NA ATUALIDADE

A literatura infantil e juvenil surgiu mundialmente em meados do século XVII durante o governo do Rei Luís XIV, na França, mais precisamente após o Fronde, movimento popular contra a regência que predominava na época. Desta forma, a literatura infantil manifesta-se através de contos populares coletados e adaptados pelo jovem Charles Perrault. As coletas dos contos realizados por Perrault não antecede a Literatura, a qual surgiu da influência popular, “dos textos jesuítas e da literatura oral” (CADEMARTORI, 2006, p. 40), juntamente com os movimentos de reforma e contra reforma que ensinavam a população a obedecer às vontades do governo por meio de imposições.

Segundo Cademartori (2006, p. 40), “o grande período de produção dos contos é anterior às convulsões religiosas”, ou seja, a cultura popular ainda expressava sua autenticidade de forma que não sofriam repressões por parte das doutrinas resultantes das religiões.

Nesse sentido, baseado em lendas e contos da idade média, narrados por pessoas que integravam a vida doméstica, Perrault registrou sua primeira coletânea denominada, *contos de fadas*. As obras do escritor preocupavam-se com o entretenimento do público estabelecendo uma relação com o popular.

Sobre a relação existente entre suas obras e o popular, Cademartori (2006, p. 36) acentua que:

Seus contos, em alguns momentos, caracterizam-se por certo sarcasmo em relação ao popular. Ao mesmo tempo, são marcados pela preocupação de fazer arte moralizante através de uma literatura pedagógica.

Os contos de Perrault foram adaptados com o intuito de alegrar e chamar atenção ao público infantil daquela época. Cabe ainda ressaltar, a indispensável manifestação do folclore, nesse contexto, como fator de grande importância para a criação dos contos, por se tratar de “um conjunto de manifestações artísticas do povo” (CADEMARTORI, 2006, p.38). Destacamos essas manifestações como ponto crucial na criação dos contos, por adentrarem na realidade, retratando suas tradições, costumes, histórias carregadas pelo imaginário daquele povo.

A literatura infantil era caracterizada por outro fator, pois, suas publicações eram vistas como para um público “adulto em potencial” (CADEMARTORI, 2006, p.38) e precisava passar por um longo período de aprendizado, “a literatura passou então a servir como um instrumento” (CADEMARTORI, 2006, p.38), para conduzir o processo de amadurecimento da criança.

No Brasil, a Literatura surge permeada pelos moldes Europeus, em um cenário no qual se valorizava a cultura estrangeira e o que era originalmente nosso, era visto como leigo. A cultura do colonizador mesmo após o seu término, procurava destruir pelo distanciamento as manifestações culturais da nossa terra, fazendo assim, com que a nossa cultura não possuísse registros, existindo apenas no imaginário do povo.

Dessa maneira, a Literatura infantil brasileira surge com o amparo do escritor Monteiro Lobato, que criou seus personagens a partir da realidade cultural do nosso país, modificando a visão estrangeira que predominava nos temas literários infantis e juvenis no Brasil.

Sobre o escritor Monteiro Lobato, podemos destacar que sua obra descreve um ambiente rural que: “[...] abriga seus personagens, se dimensiona a partir da interação com o grupo social. [...] sendo sua escrita considerada “formadora e modificadora”, na compreensão do público. (CADEMARTORI, 2006, p. 42).”

Dessa forma, Lobato não correspondia às características e ao que se esperava pelo público no tocante à literatura, mas por outro lado, assumia uma escrita de denúncia, estabelecendo uma ligação entre a literatura e as questões sociais do povo. À exemplo, podemos destacar a obra *Sítio do pica-pau amarelo* (1920), obra de maior destaque do autor, que nos mostra o universo do folclore brasileiro, bem como, as bases nacionalistas da época e a ausência da voz da criança nesse contexto histórico.

Rompendo com os padrões, Monteiro Lobato ganha maior visibilidade na literatura infantil, criando um mundo que difere do real e antecipando uma realidade que domina os preconceitos da história construída, mas que não nos pertencia. Sua obra foi destacada por “estimular o leitor a ver a realidade através de conceitos próprios” (CADEMARTORI, 2006, p. 51). Com essas

especificidades, sua obra mostrava uma interpretação da “realidade nacional” e seus aspectos.

No que tange o debate sobre a Literatura na atualidade, destinada ao público infantil e juvenil, é preciso observar a concepção instituída historicamente, de que em tempos passados a literatura era pensada como textos meramente educativos. Atualmente, esses escritos ampliaram suas funções, contribuindo para desenvolver o poder da linguagem e da socialização, promovendo o acesso ao imaginário das novas gerações. Aproximar o público do imaginário, caracteriza-se como uma função de maior importância para essa nova etapa da nossa literatura, pois é através dela que os seres humanos relacionam e entendem o repertório simbólico as imagens e os mitos contidos nos mais variados textos da literatura.

Neste sentido, convém evidenciar que: “A literatura recria constantemente estes temas e motivos e as novas formas podem passar então a ser conhecidas e compartilhadas pela coletividade”. (COLOMER, 2017, p.21). Consideramos necessário ressaltar que o uso de objetos e pessoas imaginárias faz-se indispensável nesses textos, pois facilitam a verbalização e dão forma as novas perspectivas e desejos destinados ao público.

A Literatura Juvenil recorre tanto ao imaginário, como por vezes, a situações do mundo real, a forma com que esses textos são conduzidos faz com que o público desperte interesse e aptidão por esse tipo de leitura, o que permite estabelecer uma visão que distancia o leitor da realidade e torna-o capaz de visualizar o mundo sob uma nova ótica.

Os símbolos e personagens folclóricos que fazem parte da realidade da criança e do adolescente despertam um interesse maior pela cultura; Colomer (2017) acrescenta sobre a tradição oral e a intertextualidade entre a literatura atual e a medieval:

A Literatura de tradição oral compartilha um substrato comum de materiais infinitamente reenviados e reutilizados. Os estudos folclóricos mostram e classificam de diversas maneiras a constante presença de relação intertextual entre a literatura épica medieval, o folclore e os mitos religiosos. (COLOMER, 2017, p.23).

Nos textos literários, encontramos conexões entre as histórias que em sua maioria possuem características que coincidem umas com as outras, isso

facilita o interesse das crianças e adolescentes que ligam esses objetos e símbolos ao seu meio social. Desse modo, a autora registra a importância de se reelaborar os novos textos e adaptá-los à realidade de cada momento e frisa que:

Apesar da universalidade e da recorrência, o imaginário coletivo evolui constantemente, por um lado, as referências concretas que se compartilham variam na medida em que se popularizam novas ficções, por outro lado as obras tradicionais são reelaboradas ou reinterpretadas à luz das preocupações sociais, morais e literárias de cada momento histórico. (COLOMER, 2017, p. 25).

A literatura infantil e juvenil contribui para que crianças e adolescentes desenvolvam ao longo de sua educação literária competências interpretativas para que possam ter um melhor desenvolvimento e domínio da linguagem.

Colomer (2017) salienta a importância da literatura para o público infantil e juvenil, posto que "[...], a literatura ajuda as crianças a descobrirem que existem palavras pra descrever o exterior, para nomear o que acontece em seu interior e para falar sobre a própria linguagem" (COLOMER, 2017, p. 27). A criança tem a capacidade de descobrir através dos textos literários que existem vocabulários apropriados para cada situação, para alimentar o seu imaginário, dando e atribuindo uma maior importância ao texto, por exemplo, podemos destacar as figuras de linguagens que comparam objetos verdadeiros com imaginários, que dão vida a seres inanimados, tudo isso sem perder o real significado do texto.

Os processos de criação de algumas narrativas diferem do conhecimento comum das crianças, as quais precisam organizar essa complexidade no seu imaginário, a vida real pode ser simples, pelo fato de haver uma simultaneidade em nosso cotidiano, enquanto as histórias possuem um começo, meio e fim e conflitos que são facilmente resolvidos. Sobre como esse processo atua na mente das crianças, é destacado que:

Todo esse processo é muito exigente no ponto de vista do desenvolvimento do pensamento, posto que atinja aspectos como a memória, a antecipação, a formulação de alternativas ou a concentração na construção da realidade por meio da linguagem. (COLOMER, 2017, p. 28).

As crianças desde a primeira infância conseguem identificar e compreender nas histórias, através de seus pais, quem é bom ou mau, na medida em que crescem conseguem dar um juízo de valor, sendo assim, facilmente identificam diversas histórias e seus personagens.

A literatura infantil e Juvenil exerceu sempre uma função socializadora das novas gerações. Foi precisamente o propósito de educar socialmente que marcou o nascimento dos livros dirigidos à infância. (COLOMER, 2017, p.62).

Foi justamente com a função de socialização que a literatura infantil e juvenil, “a partir dos anos 70 se comprometeu ativamente em favor dos valores sociais não discriminatórios” (COLOMER, 2017, p. 64). Iniciaram a inclusão de uma literatura para meninos e meninas sem separação de gêneros como acontecia anteriormente. Sendo assim, a atenção direcionou-se para a criação de outras visões, os finais das princesas nas histórias mudaram antes em sua grande maioria, as princesas possuíam uma vida passiva com um final feliz e um casamento perfeito. Recriou-se também uma nova imagem para as bruxas, mostrando uma versão nunca explorada. Colomer (2017, p. 65) ressalta sobre o assunto que:

[...] não se pode negar que a literatura moderna se esforçou para ampliar os valores atribuídos a cada gênero, defender o direito à diferença individual das pessoas e oferecer uma divisão mais equilibrada dos papéis sociais.

Falando ainda sobre a questão social em que a literatura infantil está inserida é importante destacar o interesse dos meninos pelas obras, sem observá-las como frágeis e direcionadas ao público feminino. Na realidade o que se propõe na atualidade é que as histórias sejam lidas sem o peso dos estigmas direcionados a meninos ou meninas, ajudando-os a irem busca das suas próprias identidades. Nessa perspectiva, é frisado pela autora que:

As histórias infantis e juvenis podem ajudar a construir a própria identidade, mas o sentido e o alcance em que fazem dependem do significado que lhes atribuem cada leitor segundo a ressonância individual produzida pela obra na relação com sua personalidade social e literária. (COLOMER, 2017, p.74).

O texto literário alcança circunstâncias que auxiliam na construção e desenvolvimento da identidade da criança e do adolescente, todavia, compreendemos que o contexto social tem uma atuação importante para que o processo de criação da individualidade ocorra. A função do escritor é levar seus textos até o público alvo da melhor forma possível, alcançando o objetivo esperado, mesmo que esse processo aconteça de modo lento.

### 3 A NARRATIVA PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Com o desenvolvimento econômico que ocorreu no Brasil entre as décadas de 70 e 80, “a literatura infantil e juvenil iniciou um novo caminho para adequar a sua proposta literária e educativa aos leitores nascidos no seio dessas novas sociedades” (COLOMER, 2017 p.189). O aflorar de uma sociedade desenvolvida em termos de economia, educação e informações contribuiu para que a literatura infantil e juvenil recebesse interferência das artes e da cultura (COLOMER,2017).

Nesse sentido, surgiu uma sociedade pós-industrial que buscava mostrar valores que estavam ocultos, quebrando as fronteiras entre o mundo infantil e o adulto com o objetivo de mostrar uma literatura mais realista voltada ao público infantil e juvenil. Os textos infantis tiveram sua origem nos contos populares, os quais continham histórias que seguiam uma linearidade de fácil compreensão, com o passar dos anos, esses textos foram sendo ampliados, adaptados e recriados para se adequar aos novos leitores.

A narrativa para crianças em um primeiro momento foi desenvolvida com uma linguagem que proporcionasse ao público infantil uma leitura prazerosa e uma interpretação mais acessível. Desse modo, destaca-se que:

Inicialmente, os meninos e as meninas se dão por satisfeitos em reconhecer e nomear o conteúdo das imagens e veem as histórias como episódios desconectados. À medida que crescem, [...] são capazes de ordenar o que está ocorrendo nas ilustrações no interior de um esquema narrativo. (COLOMER, 2017, p. 32).

Deste modo, a autora destaca que em um primeiro momento, a criança não consegue identificar as histórias contidas na narrativa, com o passar do tempo adquire a capacidade de assimilar as ilustrações e, assim, entendê-las. Nessa etapa, a narrativa tem um papel importante para a formação do leitor, pois correlacionam os tipos de linguagem formando “competências próprias” (COLOMER, 2017, p. 33) para as crianças que desenvolvem a capacidade de lerem sozinhos.

Inicialmente, as narrativas destinadas ao público infantil faziam usos de animais, príncipes e princesas que mostravam e desenvolviam a fantasia e o maravilhoso e as narrativas contemporâneas buscam através de seus textos uma aproximação com a realidade da criança, expondo os valores e as qualidades do ser humano. Nessa perspectiva de concepção, “a história se situa em um local que se supõe mais familiar ao leitor para facilitar a identificação dos leitores com os personagens” (COLOMER, 2017p. 41-42).

Sendo assim, podemos constatar a importância de um texto que se aproxime da realidade do leitor, propiciando uma leitura prazerosa a qual contribua na formação dos leitores. De acordo com (COLOMER, 2017, p. 42), “a literatura do século XX, [...] começou a abordar os conflitos psicológicos das crianças”, mostrando a importância de uma narrativa que trabalhe os conflitos subjetivos da criança.

As obras que ganharam maior destaque entre os jovens em diversos territórios no século XXI, foram *Harry Potter* e *Crepúsculo*, porém cabe lembrar que o sucesso depende da realidade de cada país. Nessa perspectiva, Colomer frisa que:

[...], é evidente que uma nova análise mais detalhada na novela juvenil nos diferentes países pode servir de exemplo do peso que a tradição literária educativa ou o contexto sociocultural próprio exerce em qualquer gênero literário infantil e juvenil. (COLOMER, 2017, p. 240).

Podemos então, observar que esse tipo de literatura sofreu influência das tradições e do contexto social e cultural em que ela foi escrita e para quem era destinada, esses e outros fatores colaboraram para a formação do modelo literário.

Sobre a novela para adolescentes é importante frisar que:

A novela para adolescentes, [...] ocupa um lugar de fronteira no sistema cultural: fronteira com a literatura infantil que os adolescentes estão abandonando nesse momento, com a literatura adulta legitimada oferecida pela escola nesta etapa, com a literatura de grande público consumida também pelos jovens e com os mundos de ficção do audiovisual. (COLOMER, 2017, p. 242).

Neste contexto, podemos observar que a literatura direcionada ao público jovem enfrenta vários desafios no tocante as mais variadas formas existentes que vão de encontro com todos os outros modelos de escrita direcionados a outros públicos. É interessante destacar que mesmo com a produção direcionada exclusivamente para o público jovem, eles não precisam abandonar o gosto pelos outros modelos literários, a literatura direcionada ao público jovem nasce para complementar as demais já existentes.

#### 4 A ESCRITA DE LYGIA BOJUNGA REFLETIDA EM *CORDA BAMBA*

Lygia Bojunga Nunes nasceu em Pelotas, no ano de 1932. Começou sua vida literária ao publicar obras direcionadas ao público infantil e juvenil, a exemplo da *Corda Bamba* que foi publicada no ano de 1979, livro que proporcionou a escritora o prêmio Hans Cristian Andersen que é configurado como destaque da categoria infantil.

Em um contexto histórico em que no Brasil predominava o regime de ditadura militar, época em que os escritores eram proibidos de exercer a sua liberdade de expressão, Bojunga surge com uma escrita que abordava temas sociais que mostravam as necessidades e dificuldades enfrentadas pelo povo, a autora atribuía vida a seus personagens e ao mesmo tempo tecia vários tipos de críticas diretas e indiretas. Sobre a escrita de denúncia, Cademartori ressalta que “o mundo ficcional de Lygia se arma a partir da infância, mas atinge temas adultos como as relações de poder e a repressão à liberdade de expressão no contexto social” (2006, p. 64).

Desse modo, destacamos que as narrativas de Lygia Bojunga possuem um caráter de denúncia e demonstra à repressão que era vigente na época, é possível ainda frisar que talvez ela tenha sido corajosa ao desenvolver esse tipo de escrita em uma época de censura, mas é provável que sua escrita tenha passado despercebida aos olhos da ditadura, pelo simples fato que a escrita direcionada ao infantil não despertava o interesse do governo ditatorial, por acharem ser uma escrita pura que não oferecia nenhum risco ao modelo governamental da época.

A autora nos apresenta personagens femininas infantis que enfrentam os mais diversos tipos de dificuldades e desafios no cotidiano, entretanto, os encaram com garra e força. Bojunga destaca a importância do companheirismo e do diálogo em suas narrativas. A escrita de denúncia da autora perpassa os valores morais daquela época, seus personagens buscavam pela igualdade de

gênero, chamando a atenção para a família e a escola, destacando o papel que essas instituições possuem evidenciando a importância do diálogo entre elas.

Lygia Bojunga utiliza uma linguagem que se encaixa no universo juvenil, levando assuntos sérios ligados ao social de uma forma lúdica e prazerosa. Posto isso, “O autor, [...] nos mostra outro caminho para interpretar a vida social, política, moral e religiosa, colocando questões importantes pelo avesso e redobrando as possibilidades de encará-las” (MACIEL, 2014, p. 5-6). Como podemos observar, o autor tem a capacidade de nos conduzir através de suas narrativas a diversos mundos e discutir os mais variados temas relacionados às questões sociais de uma forma fabulosa, transformando o momento da leitura em um lugar de interação e desenvolvimento do imaginário do leitor. O autor explana que:

Observa-se em Lygia uma grande criatividade para fabulação com a criação de um mundo imaginário que proporciona à criança uma fuga da repressão dos adultos e principalmente, as conduz para a leitura do mundo e de sua existência mais profunda e elaborada. (MACIEL, 2014, p.8).

Lygia Bojunga possui a característica de discutir os problemas que afligem o universo da criança e do adolescente e a capacidade de transportá-los através do imaginário, conduzindo-os a enfrentar, resolver e superar os problemas e desafios dessa idade. Como exemplo dessa escrita, encontramos a personagem Maria do livro “*Corda Bamba*”, que através do uso da imaginação consegue enfrentar o medo e o trauma das lembranças de seu passado e assim ver o mundo e sua vida por uma nova ótica, abrindo possibilidades para o futuro.

Lygia Bojunga utiliza em suas narrativas as mais variadas figuras de linguagem, com o intuito de tornar o discurso o mais próximo possível do público, suas narrativas possuem uma característica que as direcionam a um público que compreendem um enredo que não segue uma ordem cronológica dos fatos, segundo Cademartori (2006,p.65) “os capítulos são ordenados sem preocupação com a ordem cronológica”, ou seja, a autora nos propõe um tema central e as coisas vão acontecendo em torno da temática, sem se preocupar necessariamente com a ordem dos acontecimentos.

Sobre a linguagem adotada por Lygia Bojunga, Maciel (2006, p. 10) salienta que:

Por meio dessa linguagem utilizada, a autora cria um mundo infantil imaginário, para o qual o leitor é transportado e que permite refletir e viver as experiências que estão conectadas ao seu cotidiano. (MACIEL, 2006, p. 10).

O modo como a autora conduz as suas narrativas, adequando a linguagem ao público, mostrando seus textos da forma mais clara e objetiva, aproximando o público infantil e juvenil com histórias que refletem a realidade da sociedade, transformam essa autora em uma artista completa que exerce o domínio com o público e com contexto que discute.

No livro “Corda Bamba”, Lygia utiliza-se de prerrogativas para contar a história de uma criança circense que perde seus pais, os quais trabalhavam como equilibristas. A narrativa acontece de forma que as histórias se cruzam para depois se encaixarem, sem obedecerem a uma ordem cronológica dos fatos.

Desse modo, a escrita de Lygia proporciona não só ao público infantil e juvenil, mas também ao público adulto, momentos de reflexão, de aprendizagem que faz com que o leitor sinta vontade de repetir a leitura várias vezes sem se cansar. A cada leitura das narrativas, novas descobertas são alcançadas, seus textos nos levam através do imaginário a descobrir coisas novas, além de nos proporcionar uma nova visão sobre cada assunto abordado.

## 5 DE MEMÓRIAS E SENTIMENTOS: A HISTÓRIA DE MARIA

*Corda Bamba* é um livro escrito pela autora Lygia Bojunga Nunes, publicado em 1979, durante o período ditatorial. Nesse livro, especificamente, a autora trata de temas como: a morte, a questão familiar, a desigualdade social, transparecendo o estilo da autora, que aborda a realidade por meio da fantasia. Lygia conduz a narrativa com maestria, trazendo o humor para fantasiar temas sérios e cotidianos, realizando diálogos ricos entre a realidade e o imaginário.

O propósito de Lygia, ao escrever a obra, era de chamar atenção do público para a questão social e trazer a realidade dos/as artistas circense. O livro é estruturado em doze capítulos, organizados em uma narrativa base que vai de encontro com outras narrativas, até se cruzarem para formar o conteúdo geral. A história é narrada em ordem cronológica, com interpolação de eventos ocorridos anteriormente e com descrição dos desejos e planos futuros. A autora utiliza objetos simbólicos que ajudam a ligar o real ao imaginário na história, a linguagem utilizada por Lygia em suas narrativas se adequa com as usadas pelas crianças, com o intuito de transformar o momento de leitura em algo instigante e prazeroso. O livro é composto por doze capítulos que fazem o uso de várias simbologias e ajuda a personagem principal a enfrentar seus problemas interiores e seus traumas, revelando ao público que novos caminhos podem ser traçados e um futuro pode ser alcançado.

A nossa análise traça o caminho percorrido por Maria em busca de sua identidade, e é através de suas memórias que ela estabelece o equilíbrio entre os acontecimentos importantes de sua vida.

Narrado em terceira pessoa, a obra *Corda Bamba* conta a história de Maria, uma menina de dez anos, que perdeu os pais em um acidente no circo

onde trabalhavam como equilibristas. Maria desde o dia da morte de seus pais permaneceu sob os cuidados de Barbuda e Foguinho, que também trabalhavam no circo e sempre foram os mais próximos da menina. Porém, poucos dias depois de presenciar o acidente que tirou a vida de seus pais, Maria foi levada para morar com sua avó materna, a senhora Maria Cecília Mendonça de Melo, uma mulher rica e egoísta, que acreditava em poder comprar tudo e todos com o seu dinheiro.

Logo após Maria ter presenciado o acidente que causou a morte de seus pais, a menina sofreu uma perda de memória ocasionada pelo trauma, então, a partir desse acontecimento, Maria se fechou para a vida, não conversava sobre nada de antes ou depois da tragédia, e deixou de realizar todas suas atividades, uma delas era a de equilibrar-se no circo. Nessa perspectiva, a presente análise propõe mostrar o caminho percorrido por Maria na busca por suas memórias, uma vez que, elas são necessárias para que a menina consiga entender seu passado e vencer os desafios do presente, e construir seu futuro.

A história inicia-se com a chegada de Maria a casa de sua avó, onde a menina depara-se com as diferenças sociais existentes entre a vida no circo e a sua nova casa. Em um primeiro momento, essa diferença social é o que torna mais difícil a relação entre avó e neta. Maria, por ter perdido a memória, logo após presenciar a morte de seus pais, ficou sem entender o porquê de tantos acontecimentos. O trauma ocasionou um bloqueio, fazendo com que ela não conseguisse processar todos os fatos ocorridos, Maria precisava então vencer o medo e superar o trauma. Dessa forma, seu subconsciente começa, através da capacidade imaginativa da criança, acessar as mais profundas lembranças, fazendo com que a menina passe por um processo onde ela ressignifica suas memórias, levando-as ao campo do memorável, para só assim conseguir dar um novo sentido a sua vida.

Ao longo da narrativa, o narrador se refere aos personagens apenas pelo primeiro nome, ou seja, os nomes dos personagens são simples, porém o nome da avó de Maria, a senhora Maria Cecília Mendonça de Melo, é descrito como nome composto, que é usado para evidenciar o poder aquisitivo que a senhora possuía. Em alguns trechos da narrativa, evidencia-se a maneira como a avó é tratada pelas pessoas: "É aqui o apartamento da Dona Maria Cecília Mendonça de Melo?"(BOJUNGA,2016,p.11), demonstrando que a senhora só

era reconhecida através do sobrenome que carregava. Até mesmo o narrador, ao se referir a personagem, utiliza o nome completo da mesma, dando uma maior entonação, evidenciando o autoritarismo que a personagem apresentava, como vemos no trecho: “Dona Maria Cecília Mendonça de Melo ajeitou o cabelo depressa” (BOJUNGA, 2016, p.12). Dessa forma, a avó da menina conseguia mostrar para as pessoas ao seu redor o poder, sua superioridade, causando o sentimento de temor e respeito, a forma como seu nome é pronunciado ao longo da narrativa nos mostra a quantidade de significados que essa personagem traz ao longo da história.

Em contraposição, Maria vem para mostrar o outro lado da narrativa, o circo e seu universo repleto de significados e simplicidade, a forma como as pessoas vivem naquele ambiente. A humildade é uma característica de Maria, que a acompanha durante todo o enredo: “Maria, de calça brim, um embrulho debaixo do braço, ia levando a tiracolo um arco enfeitado com flor de papel, quase do tamanho dela (não era muita vantagem: ela já tinha dez anos mas era do tipo miúdo)” (BOJUNGA, 2016, p.9). Dessa forma, os bens que a menina possuía estavam todos ali, Maria não carregava malas, apenas aquele pequeno embrulho, sua roupa de brim, tecido resistente, feito de algodão, para suportar o frio e as longas viagens feitas pelo circo.

A simbologia das memórias de Maria apresenta-se logo no primeiro capítulo. Está reservada a corda de nylon, que Maria recebe de presente do senhor Pedro, atual esposo de sua avó, que a pedido de Quico (neto de Pedro), Maria usa para equilibrar-se. Quico pede para Maria exibir o número para ele e todos os presentes em sua festa de aniversário, dizendo: “Maria equilibra pra gente ver” (BOJUNGA, 2016, p.16). Nesse sentido, a corda representa o principal símbolo do equilíbrio que a menina tem que buscar para conseguir traçar novos caminhos nesta nova vida, sem os pais, sem o circo e o universo em que foi criada. Maria, além de ter perdido seus pais passa agora a viver longe de tudo que transmitia segurança, a nova realidade chegou carregada de outras experiências, e a menina teria que se adaptar a ela, mas para isso precisa se curar dos traumas sofridos.

Em meio à euforia de sua chegada, em uma recepção pelas demais crianças que participavam da festa de aniversário de Quico, Maria é convidada a realizar o número que fazia com a corda no circo. Após a recusa de sua avó,

Pedro permite que Maria realize a apresentação equilibrando-se na corda. Podemos observar o momento em que Maria decide equilibrar-se na corda para os presentes na festa de Quico:

Maria subiu numa cadeira e pulou pra cima da corda. Um pulo tão rápido que todo mundo fez hmm! Achando que ia cair. Que cair que nada! Levantou o arco, num instatinho endireitou o corpo, andou até a varanda, voltou ligeiro até a porta, se virou num pulo que fez o pessoal engolir de novo um grito. Mas quando ia passando outra vez em cima da mesa, parou. De repente. O corpo entortou pra um lado; pra o outro; parecia que ela estava perdendo o equilíbrio, que ia se estatelar justo em cima do bolo. Rodou o arco pra se firmar melhor; o corpo entortou ainda mais. Quis dar um passo; não deu. Quando viu todo mundo com cara assustado, riu com o olho, endireitou o corpo e seguiu se equilibrando mais difícil ainda: andando de marcha ré (BOJUNGA,2016, p.20).

Podemos identificar na citação anterior, a importância que a atividade exercida no circo tem na vida de Maria, é possível também destacar que o trauma não afetou a capacidade que ela possuía de realizar o número, mas ocasionou uma tristeza profunda. A realização do número mostra que Maria ainda domina a arte de equilibrar-se na corda bamba, mas nos revela também que é preciso buscar esse mesmo equilíbrio para a vida.

Em sua nova casa, possuía uma janela bem em seu quarto, que direcionava a visão para outras janelas de prédios vizinhos, a menina passava horas e horas observando, olhando aquelas janelas, mas o que chamou realmente a atenção da menina, foi uma janela diferente das outras, em um andar que as paredes estavam pintadas de branco e que era possível observar um andaime, porém não avistava o pintor:

[...] tinha uma janela diferente das outras janelas todas; uma janela que ficava dia e noite aberta; uma janela arredondada em cima, que nem arco. Viu que na frente da janela tinha um andaime pendurado, [...] viu que estavam pintando o edifício: para baixo do andaime a parede estava toda branquinha. Mas não via o pintor. Nem via ninguém aparecendo na janela diferente. Olhava, olhava mas nunca via ninguém. Nem o andaime mudava de posição, parecia que tinham esquecido a pintura pela metade. (BOJUNGA,2016, p.32).

No trecho acima, Maria consegue através da janela de seu quarto olhar para dentro de si mesma, ela observa como se sua vida tivesse parado no dia da morte de seus pais, e é através da simbologia da janela, das paredes que

ficaram com a pintura pela metade, que ela olha para si como se sua vida estivesse estagnada. A janela nos mostra o caminho para a busca por preencher o espaço vazio nas memórias de Maria, significando a necessidade de traçar novos caminhos.

A partir do segundo capítulo, Maria começa a passar do plano real para viver o plano imaginário, sem que o leitor consiga compreender em um primeiro momento, pois os relatos são apresentados por meio dos sonhos.

A menina recria sua realidade através de elementos do real e do cotidiano. Maria se aventura em uma série de deslocamentos subjetivos de caráter fundamental para o seu amadurecimento. (CARNEIRO et al,2015, p. 306).

A simbologia das janelas é destaca no segundo capítulo do livro, evidenciando o momento em que Maria começa a traçar momentos em seu imaginário que mais adiante farão com que ela entenda e encontre as respostas guardadas no mais profundo de suas lembranças.

Maria se identifica com Quico e inicia uma amizade baseada na confiança, o que começa a aparecer no capítulo "Quico sonhava muito". O menino que também tem uma imaginação bastante aflorada, conta para Maria seus mais variados sonhos, e em um certo dia, contou que sonhou com Maria se equilibrando por entre os prédios, "Quico viu Maria sair na janela e pegar o arco de flor. [...] Viu Maria olhando pro arco; [...] Quico viu. Viu direitinho a corda laçando uma antena de televisão"(BOJUNGA,2016, p. 50-51). Quico narra o seu sonho como se ele fosse real, mostrando a capacidade que a criança possui em instruir seu imaginário, dando veracidade aos acontecimentos criado por esse mecanismo. Os sonhos de Quico adentram características precisas dos acontecimentos: "Maria esticando a perna. Maria experimentando a corda como pé. [...] Maria levantando o arco; nem olhandopra baixo; só olhando pro fim da corda lá na antena de televisão" (BOJUNGA, 2016, p.52).

Os sonhos de Quico com Maria revelam o mundo imaginário que cerca a narrativa. É a partir desses sonhos que Maria mergulha no universo fabuloso através da corda bamba, em busca dos caminhos esquecidos em seu subconsciente. Assim, Santos (2006) ressalta a importância que a imaginação ocupa para a travessia de Maria em busca de sua identidade:

A travessia entre o real e o imaginário permite ao corpo ganhar leveza para alcançar o auge de devaneio e do desprendimento do real. [...] permite que a mente ganhe espessura, se torne forte e possa criar e expressar sentimentos que se dão muito mais fundo do que normalmente poderíamos alcançar (SANTOS,2006, p. 61).

É por meio da imaginação que a criança consegue enfrentar traumas e vencer os obstáculos que a circunda. O processo de imaginação, utilizado pelas crianças, tem um importante papel no seu desenvolvimento, permitindo a experiência com coisas novas sem medo das escolhas, sem o peso das consequências.

Maria, que por morar no circo, não teve acesso à escola, agora teria que estudar em um colégio. Sua avó queria mostrar a todos que a neta acompanharia a série que as filhas de suas amigas cursavam, porém, a menina necessitou de aulas particulares para tentar acompanhar as disciplinas destinadas à sua idade. Diante de toda essa nova realidade o que Maria mais desejava era ter sua vida de volta.

Em suas aulas particulares, a menina buscava subterfúgios para transformar aquele momento de tédio em momentos em que ela viajava na imaginação. Para Maria, qualquer coisa tinha mais importância que as aulas. Observemos um desses momentos:

O olho de Maria foi procurar o número da página, mas encontrou a mão de Dona Eunice no caminho. Dedo cheio de anel. E cada unha grande assim, pintada de vermelho escuro. A unha do dedo que apontava ficava puxando uma pelezinha que tinha do lado da unha do polegar. Puxava, puxava, puxava, às vezes doía e Dona Eunice gemia baixinho, distraída. (BOJUNGA, 2016, p.56).

Nesse fragmento, é possível observar o nível de acesso ao imaginário da menina. É por meio da imaginação que ela consegue encarar toda sua nova realidade, que modificou como um todo a sua vida, por meio da imaginação consegue ultrapassar as barreiras de sua mente.

Em uma de suas viagens ao imaginário, através de um sonho, Maria observa toda a história de seus pais, desde o início. A menina volta ao tempo em que os pais se conheceram e em um diálogo com Marcia e Marcelo, estes

mostram os contrastes existentes em suas vidas. Vejamos um trecho do sonho de Maria que apresenta a conversa:

O rapaz sentou juntinho da moça e os dois ficaram abraçados, de perna balançando pra fora da janela. [...] - Quando eu nasci, a minha mãe e o meu pai não tinham dinheiro nem pra comprar o berço. [...] - Quando eu nasci, a minha mãe comprou sete: Cada dia da semana eu dormia num (BOJUNGA,2016, p. 73).

Eram grandes as diferenças sociais entre os pais de Maria, apesar de não significar obstáculo para eles. Mas, para a sua avó, a mãe de Márcia, era o pior pesadelo. Marcelo ainda conta que vive em um andaime desde que virou pintor, “É bom, sabe? Não pago aluguel, já acordo no emprego, quando acabo o trabalho já tô em casa, é fresquinho” (BOJUNGA, 2016, p.81). Neste contexto, Marcelo tenta mostrar o lado bom de morar em um andaime, mas na realidade ele usou essa forma lúdica para contar que não tem onde morar. O andaime é a representatividade da inconstância financeira de Marcelo, uma vez que esse objeto é utilizado para obras em prédios e que não possui estabilidade, porque ficam no alto dos prédios e balançam de acordo com o vento.

Neste sonho, Maria ver seus pais sumirem como nuvens e ao ir procurá-los encontra o corredor cheio de portas. “Era um corredor comprido com seis portas fechadas”. E cada porta de uma cor” (BOJUNGA,2016, p.82). O sonho levou Maria a uma viagem em seu subconsciente, que a permitiu, a partir de então, acessar as memórias ali guardadas e intactas desde o trauma por ela sofrido. O corredor e as portas coloridas despertam na menina o desejo de escolha e a curiosidade de descobrir o que guarda cada porta.

As portas passam a ser o acesso de Maria as memórias, despostas pelo corredor que simboliza o caminho percorrido pela menina. A primeira porta que se abre é a branca e nela Maria pode observar: “Era um quarto enorme” (BOJUNGA, 2016, p.83), cheio de riqueza, porém o que mais desperta a atenção da menina são os retratos na parede, a partir deles Maria consegue lembrar o ambiente que está representado e pensa: “Ué! Nunca mais tinha se lembrado daquelas caras” (BOJUNGA, 2016, p. 83-84). Na cena por Maria observada, na porta branca, Márcia tenta convencer a sua mãe, Dona Maria Cecília de Souza Melo, a permitir o seu casamento com Marcelo, a senhora

logo repreende sua filha e mostra sua petulância ao oferecer dinheiro para que o rapaz (Marcelo) se afaste de Márcia. Maria observa tudo como se fosse telespectadora de sua própria história.

Apesar de Maria conseguir recordar o ambiente e os rostos nos retratos da parede, ela “cruza a fronteira entre o real e o imaginário” (CARNEIRO et al.,2015, p. 5), ao fantasiar um acontecimento que ocorreu antes de seu nascimento. O contato com essa primeira porta revelou a Maria todas as situações que impediam de seus pais ficarem juntos, mostrou também o caráter escuso de sua avó, que valorizava as coisas e não os sentimentos das pessoas.

Podemos relacionar a cor dessa porta com todo o contexto da memória de Maria. Comungamos, assim, com Heller (2013, p. 315) que mostra que: “caracteriza a cor branca em seu sentido figurado, associando-a ao vazio ou a ausência de sentimentos”. O branco, então, está ligado a ausência de sentimentos, demonstrada pela mãe de Márcia, Dona Maria Cecília. A casa que Maria observa apesar de está cheia de riquezas se caracteriza totalmente vazia de sentimentos.

Ao sair da primeira porta, Maria segue para a porta vermelha que permanece fechada, a menina então abre a porta amarela. Nessa porta, depara-se com a lembrança do barquinho de papel que sua mãe recebera de presente de Marcelo, em um sonho que ela teve com os pais.

[...] era o barco de jornal que Marcelo tinha feito pra Márcia. Mas não era sonho. Era ele mesmo. A mesma vela: precisando de cozinheira, contando que o homem se jogou do pão de açúcar, mostrando o retrato do Robert Redford (BOJUNGA,2016, p. 92).

As imagens observadas por Maria vêm como uma lembrança boa do tempo, trazendo um ar de familiaridade. A menina observou o barco mudar de posição de acordo com o vento e cada vez que o vento soprava uma parte importante da vida de seus pais era revelada.

O vento deu uma soprada (uma só) e -tlá- a vela mudou de lado e tapou Márcia e Marcelo. A alegria de Maria foi crescendo. Uma alegria que ela nunca tinha pensado que dava pra sentir. Fechou os olhos e ficou esperando. Até que, de repente-tlá- outra soprada de

vento mudando a vela e destapando Márcia e Marcelo.  
(BOJUNGA,2016, p.93).

Nessa memória, caracterizamos o vento como o tempo que passa e o barco que representam as nossas vidas sendo guiadas de acordo com a direção do vento. Todo esse cenário de lembranças caracteriza o período em que Márcia e Marcelo se conheceram até o nascimento de Maria. Nesse sentido é possível destacar o quanto essas memórias trouxeram alegria para a menina e a ajudaram a vencer mais um obstáculo para ultrapassar o trauma e buscar sua identidade.

Destacamos a representatividade da porta amarela para essa memória. O amarelo representa a “cor do otimismo, da iluminação, do entendimento” (HELLER,2013, p.153), uma vez que é através dessa porta que Maria observa com grande alegria, todos os momentos felizes vividos por seus pais. Esses momentos revelam a Maria o sentimento do seio familiar, despertando a vontade de entender ainda mais toda a sua história.

A última frase desse capítulo atenta para a necessidade de Maria seguir o seu caminho, viver a sua vida: “Maria ficou parada, olhando. Devagarinho, um medo foi chegando: eles estavam indo embora, a vida agora era dela; mas quanta coisa numa vida! Um presente assim tão grande, será que... será que ela ia saber carregar?” (BOJUNGA,2016, p.95).

O medo que Maria possuía de seguir sem seus pais, mostra que a menina não consegue se conformar com a perda precoce e trágica revelando a necessidade que ela possui de seguir em frente e construir sua própria história. Além disso, representa um período de mudança repentina e, por vezes, incompreendidas por Maria, exigindo o repensar de sua história e a necessidade de caminhar na construção do seu futuro.

A porta cinza relembra a Maria um acontecimento de sua vida que, como tantos outros, estavam adormecidos em sua memória. Maria lembra-se do tempo em que fora levada sem a permissão de seus pais, por sua avó. Em mais uma tentativa frustrada de abrir a porta vermelha, a menina ouve barulho de circo e logo vai ao encontro da porta “cinzenta”. Por um momento a menina hesitou em abrir por medo do silêncio que se abaterá ao tocar na porta; Maria

pensou um monte de coisas, mas enfim criou coragem e abriu a porta. Observemos o fragmento que narra esse acontecimento:

[...] O coração pulou afobado e aí ela escancarou a porta. Justo no momento em que estourava o barulho de palma, e a banda tocava de novo, e um sorveteiro berrava pertinho: "Manga, chocolate, coco – vai querer? Depressa que vem mais coisa pra gente ver". Mas não era o picadeiro. Era o camarim do circo, só com parede de lona separando da plateia. Tinha espelho grande, cama de armar, sacola, embrulho, malha, sapatilha, arco de flor. E uma menina de quatro anos brincando sozinha, empurrando um barco de papel, fingindo que o chão era água. Maria tomou um susto, se encolheu. Lembrou do barco grande, dela nascendo, olhou bem pra menina: sou eu! (BOJUNGA,2016, p.98).

No trecho acima citado, Maria explora, ao abrir a porta cinza, todo o universo do circo, lugar em que ela vivia. Podemos observar a descrição de cada detalhe, mas o que chama atenção para esse momento é o fato da menina se reconhecer na cena; Maria se observa como se estivesse vivendo o passado e o presente ao mesmo tempo. Esse traço da narrativa mostra como Maria consegue, através de suas lembranças, olhar para dentro de si mesma. Essa lembrança ainda revela a memória do dia em que ela foi levada do circo por sua avó. Dona Maria Cecília, em busca de convencer a menina de ir com ela, traz várias coisas em sua bolsa, tentando conquistar a menina. Vejamos o trecho a seguir:

- "Abriu uma bolsa de couro, com fecho e corrente de ouro. Tirou lá de dentro boneca, bola, carrinho" - "Olha quanto presente a vovó trouxe para você" "Eram uns brinquedos diferentes, coisa recém-inventada, assim que saiam da bolsa eles dasatavam a crescer" (BOJUNGA,2016, p.99).

A senhora Maria Cecília utilizou de seu poder aquisitivo para convencer Maria a ir com ela. Podemos ressaltar ainda, que os brinquedos cresciam na medida em que saiam da bolsa, ganhando o tamanho da importância que Maria atribuía a eles. Salientamos que o fragmento promove uma intertextualidade com outro livro da autora, *A bolsa amarela*, no qual Raquel (personagem principal da história) ver suas vontades crescendo.

A cor cinza, assim como a branca nos revela o vazio de sentimentos. Heller (2013, p. 499), aponta que: "cinza é a cor de todas as adversidades que

destroem a alegria de viver”. Maria, ao recordar o momento que foi levada para longe de seus pais sentiu o vazio do afastamento familiar, lembrando o quanto aqueles dias foram infelizes, tendo a sensação do quanto foi negativa a experiência de viver cercada de todas as riquezas e longe de qualquer sentimento.

Um dos passos mais importantes da travessia entre o passado, o presente e em busca do futuro é o dia em que a menina recorda o seu aniversário de sete anos. Ao observar a cena, Maria ver sala de jantar bem grande, rodeada de comidas, brinquedos e muita riqueza.

[...] E na sala tinha uma festa de aniversário: a menina estava fazendo sete anos. Tinha uma mesa compridíssima, tapada de toalha de renda. E um monte de doces e salgadinhos. E refrigerante. E chá. E um bolo alto, todo enfeitado com florzinha de amêndoa, uma beleza! Bem no meio da mesa; com sete velas acesas. Mas só tinha duas pessoas na festa: a menina e Dona Maria Cecília Mendonça de Melo (BOJUNGA,2016, p.102,103).

Nesse sentido, podemos observar com riqueza de detalhes a festa de aniversário que a avó de Maria preparou para ela. É importante ressaltar o quanto Maria sentia-se só, em um ambiente cheio de luxo, riqueza e fartura. A menina era privada do contato com outras pessoas e seu único desejo era voltar a viver com seus pais no circo.

A avó de Maria é caracterizada como uma pessoa vazia de sentimentos, sua única forma de conquistar as pessoas, era através do seu poder aquisitivo. A mesma presenteou Maria, no dia de seu aniversário, com uma coisa bem inusitada, uma senhora faminta. Maria então se surpreende com o que recebeu de sua avó: “O presente era uma velha. Mas não era de acrílico nem de borracha, era uma velha de verdade, gente de carne e osso” (BOJUNGA,2016, p.109).

A “velha da história”, como destaca a narrativa, tem dois propósitos: o primeiro, foi o de mostrar a capacidade que sua avó possuía de objetificar o valor das pessoas através do dinheiro; e o segundo foi o de ajudar Maria, através das histórias que contava, a descobrir e preencher as lacunas existentes em sua memória. Destacamos que:

[...] a narrativa da velha possibilitou à Maria estar próxima e, de alguma forma, presente em relação a suas lembranças mais profundas. A partir daí as lacunas antes angustiantes deram lugar a pensamentos para o futuro, o caminho de ir e vir pôde ser substituído, finalmente, pelo andar pra frente (SANTOS,2006, p.90).

Como acima citado, “a velha” possibilitou a Maria o acesso a todas as lembranças que ainda faltavam para que a menina conseguisse entender todo o contexto que permeava sua vida, foi a partir desse fato, que Maria começou a entender o seu subconsciente. A senhora, após contar todas as histórias, alimentando a curiosidade da menina, morre de tanto comer. O fato da senhora morrer logo após contar as histórias sobre os casamentos de sua avó, ressalta ainda mais, que o objetivo dela na narrativa, foi o de revelar o que ainda estava apagado nas memórias da menina.

Maria, mesmo sem perceber, foi ganhando a amizade de Quico. Em suas viagens ao imaginário, na tentativa de reaver suas memórias, o menino age como estímulo para que a protagonista busque essas lembranças. Com sua fantasia aflorada pela infância, Quico ajudava Maria, dando veracidade para o que ela estava vivendo. Em Quico, a menina sentia segurança para conversar e contar todas as suas idealizações. Vejamos uma pequena conversa entre eles: “- O que que você tá pensando, heim Maria? E ela, que sempre é tão quieta com todos, com Quico ela conversava: Hoje eu sai na corda. E quando abri a porta amarela, vi um barco chegando” (BOJUNGA,2016, p.123).

Maria fez de Quico seu confidente, ele era o único com quem Maria interagiu, possivelmente, por estarem praticamente na mesma fase da infância e, por esse motivo, faziam parte do mesmo mundo imaginário. “Mas desde o princípio ficou combinado: a corda ia ser segredo dos dois; só dos dois, de mais ninguém” (BOJUNGA,2016, p.124); esse fragmento nos mostra que o menino ajudava Maria, dando o suporte que ela necessitava para viver todos esses momentos.

Com a partida de Quico (que estava apenas de férias), a menina percebe que estava ficando sozinha, a narrativa nos mostra que chegara o tempo chuvoso e Maria estava ainda mais triste e pensativa. É comum observar que esses dias chuvosos nos fazem reviver as tristezas guardadas

em nossa memória, é assim que Maria se sentia, sem ninguém com quem contar, “todo mundo indo embora” (BOJUNGA,2016, p. 126). Maria decide enfrentar a chuva e volta ao corredor, onde encontra o tempo ainda mais chuvoso, ao enfrentar a chuva ela vai de encontro a todos os seus medos, o tempo ainda mais chuvoso caracteriza o estado de tristeza em que a menina encontrava-se.

Maria então abre a porta azul, e mesmo com o temporal que havia, a menina consegue observar o momento em que sua mãe a reencontra, anos depois de sua avó a ter levado para longe: “Durante um tempo ficou só chovendo, sem ninguém. Mas depois Maria viu Márcia e a menina aparecendo de novo. Chegando no circo” (BOJUNGA,2016, p.107). Todo esse tempo rememorado em dias chuvosos, caracteriza-se como uma parte difícil de sua vida, por ter ficado todo esse tempo longe de seus pais.

A cor azul da porta simboliza os acontecimentos dessa etapa da vida de Maria. Para Heller (2013, p 52), “o azul é a cor da lembrança, é a cor da distância e da saudade, como também pode caracterizar o irreal, o engano”. Essa cor define bem a situação vivenciada por Maria, a saudade que sentia dos pais, o sentimento de ter passado anos acreditando que tinha sido abandonada pelos pais, tudo o que havia acontecido de verdade agora tinha sido esclarecido.

Maria se prepara aos poucos para lembrar a sua memória mais traumática, então vai relembando o dia em que aprendeu a equilibrar-se na corda com seus pais, do quanto esse acontecimento foi importante para a sua vida, essa mesma lembrança a leva para uma das apresentações no circo, Maria revive a mistura de sentimentos desse dia, então, agora depois de ter trazido de volta tudo o que havia sido esquecido, era chegado o momento de abrir a última porta, a vermelha. Vejamos como o narrador descreve esse momento:

De repente, Maria começou a lembrar do resto todo. Correu pro corredor, jurava! Era capaz de jurar que a porta vermelha não estava mais trancada. A afobação foi tão grande, que foi maior que o medo, e Maria nem parou pra escutar: meteu a mão na maçaneta: dito e feito a porta vermelha abriu. (BOJUNGA,2016, p.130).

A porta que em todo percurso realizado por Maria permaneceu fechada, agora se abre: a menina está preparada para reviver o acidente de seus pais. Na memória, Maria, observa uma discussão entre seus pais, Barbuda e Foguinho; os dois imploram para que Márcia e Marcelo não se arrisquem ao realizarem o número da corda sem a rede de proteção. Mas não tem jeito, eles já estavam decididos a realizar o número. É então anunciado no picadeiro, Maria entra em aflição (ela sabe tudo o que acontecerá), com uma tentativa de não rever aquele momento trágico de sua vida, a menina tenta ir embora, mas a porta não abre, forçando Maria a reviver esse acontecimento. Vejamos o fragmento:

Quanto mais Maria olha para Márcia e Marcelo, mais vai esquecendo que queria ir embora; Márcia tem tanta graça! Mesmo não fazendo nada difícil, a gente não quer deixar de olhar, imagina quando o pai estender o arco pra ela passar, pronto! Estendeu. Ela se abaixa e passa. E passa de novo. E de novo, e passa de novo. Cada vez diferente. Cada vez mais depressa. Cada vez, que isso!!o arco de cor se embaraça no amarelo; Cai. Márcia falseia o pé, o corpo vira, o pai quer pegar um braço, um cabelo, um resto dela, mas tudo escapa, ela já vem vindo, ele se vira todo, já vem também (BOJUNGA,2016, p.135).

O trecho acima narra o dia em que os pais de Maria sofrem o acidente que os levou a morte. Após lembrar deste dia, Maria sente-se como se tivesse vivido tudo novamente, talvez pelo fato de ela ter entrado em estado de choque, ela precisou reviver para só assim poder ressignificar esse momento de sua vida. Candau (2012, p. 151) ressalta que “a memória das tragédias pertence aos acontecimentos que contribuem para definir o campo do memorável. Ela é uma interpretação, uma leitura da história das tragédias”.

Como vimos, a memória da tragédia possibilitou que Maria revivesse todo aquele momento de dor e aflição, mas segundo Candau (2012), essas lembranças são importantes de serem preservadas, como definição do que fomos, a partir das nossas vivências e experiências. Maria precisou resgatar todas as suas memórias e dar a elas um novo significado, para assim, conseguir viver em paz com elas, afinal, suas memórias definem de onde ela veio e irão ajudá-la a construir para onde ela irá.

Passados alguns dias, Maria recebe a ligação de Barbuda, convidando-a para ir ao interior onde eles irão para descansar, a menina logo recusa e conta a Barbuda que já consegue lembrar de tudo o que aconteceu. Vejamos o trecho em que Maria conversa com Barbuda: “-É que ... escuta ... é que ... eu me lembrei de tudo viu? De tudo. E agora ... todo dia eu me lembro de novo um pouco. Pra ir acostumando, sabe?...” (BOJUNGA,2016, p.141). E assim Maria foi-se acostumando a lembrar sem medo do passado, e dar um novo significado para a sua vida, restaurando sua identidade e minimizando os sintomas que as lembranças traumáticas, antes impedidas em sua memória, as impediam de seguir. Maria libertou suas lembranças e agora conseguirá virar a página e ser quem ela quiser, sem carregar o trauma do que por ela já foi vivido. O medo de abrir a porta foi embora, Maria agora conseguia observar tudo sem o temor de antes; ela ressignificou suas memórias.

Desse modo, ao decidir passear pelo corredor de suas lembranças, ela consegue observar que existem nele novas portas: “Maria abriu a porta bem de leve e bem devagar. Era um quarto vazio” (BOJUNGA, 2016, p. 142). A partir de então Maria começa a organizar uma nova história para a sua vida. Começa organizando a conversa que deseja ter com Pedro (esposo de sua avó), em seguida, a viagem a qual foi convidada por Barbuda a fazer, em sua imaginação ela organiza cada espaço, colocando as pessoas e os objetos que acha importantes nessa nova fase.

Para a conversa com Pedro, arruma um sofá; para a viagem, o avião. E assim Maria vai dando novos significados a cada coisa nova que aparece, quando no quarto já não cabia mais nada; novas portas foram se abrindo.

E viu. Um quarto enorme. Esse quarto ela arrumou só com o mar. E depois de tudo mar, ela botou, lá bem no fundo, um abraço; e botou uma ponte indo até o barco. Uma ponte tão fininha, que depois ela ficou pensando se era ponte mesmo, ou se não era corda. (BOJUNGA, 2016, p. 144).

Assim, como em uma de suas memórias, Maria observou o barco que levava seus pais. Ela agora constrói o seu próprio barco, a sua própria vida e consegue planejar e idealizar o seu futuro. O barco simboliza a vida, a ponte caracteriza todo o caminho que por ela deve ser percorrido e assim ela vai

caminhando e, com o tempo, vai construindo sua própria história, fazendo novas escolhas.

O tempo vai passando, mais portas vão aparecendo, e Maria vai abrindo elas todas, e vai arrumando cada quarto, e cada dia arruma melhor, não deixa nenhum cantinho pra lá. Num quarto ela bota o circo onde ela vai trabalhar; no outro os amigos que ela vai ter. Arruma, prepara, prepara: ela sabe que vai chegar o dia de escolher. (BOJUNGA, 2016, p.145).

Desse modo, mesmo depois de Maria ter vivido várias perdas em sua vida, conseguiu dar um novo significado a esses acontecimentos e assim reorganizou todo seu interior. Agora pode seguir em frente, sem medo de fazer novas escolhas, de expressar suas vontades antes reprimidas e que em meio a tantas perdas é chegada a hora de construir tudo o que o trauma, antes a impedia. Maria pode, então, alçar novos horizontes, em busca da construção de sua própria identidade.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura infantil e juvenil contemporânea, nesse estudo representada pelos escritos de Lygia Bojunga, consegue somar aspectos do universo fabuloso da infância com a realidade social concreta, vivenciada por milhares de crianças e adolescentes. Para além de despertar a criatividade e estrigar o imaginário humano, a literatura infantil e juvenil atual, contribui para que os leitores tenham uma formação interpretativa, capaz de conectar o mundo imaginário com a realidade da sociedade, despertando o senso crítico.

A autora discute temas diversos, que afligem a sociedade de uma forma simples e criativa, que aguçam o imaginário infantil e juvenil. Suas obras estão sempre ligadas aos acontecimentos cotidianos, explorando sempre as fronteiras entre o real e o imaginário, tornando seus textos em leituras prazerosas.

A análise da obra *Corda Bamba* (1979), apresenta o universo circense e todo o preconceito social, cultural e econômico que a sociedade transparece

para com o mundo do circo. Retrata de forma fabulosa a vida de uma família construída nesse espaço e as implicações para a formação das crianças. A obra, sobretudo, nos apresenta os dois mundos distintos, que permeiam a nossa sociedade, demonstrando como esses aspectos se revelam no mundo da arte, através do mundo circense.

O simbolismo e o subjetivo são características marcantes da obra. As vidas de Maria e de sua família são retratadas por meio dos símbolos, despertando no leitor um apelo emocional, utilizado pela autora para sensibilizar a sociedade para questões pulsantes do nosso cotidiano.

Maria é uma personagem cheia de significados, que consegue, através do poder da imaginação, encontrar o equilíbrio mesmo diante de tantas perdas. Por meio de seu subconsciente, ressignificar todos os momentos ruins de sua vida, para assim construir a sua própria identidade. A personagem inicia a narrativa com uma perda de memória, que representa as vezes que procuramos esquecer a nossa própria história, devido as dúvidas e medos, gerado por traumas.

Compreender a realidade e buscar enfrentá-la é o ponto central da discussão de Lygia Bojunga. A personagem Maria nos provoca a entender a nossa própria história e a seguir construindo um futuro que nos pertença, que tenha nossa própria identidade. Maria, revelou como podemos transformar as perdas dando novos significados para a construção ou reconstrução do nosso ser.

Escrito em 1979, em um contexto histórico brasileiro emblemático, em que vivíamos sobre a ordem ditatorial, as obras mantem-se atual, uma vez que expressam um contexto, de desigualdade social pela qual vive o povo brasileiro, que não foi superada, sendo, na verdade, questões que se reatualizam. O mundo circense continua a ser algo misterioso para a sociedade, apesar de todo o investimento na arte, realizando nos últimos tempos, ainda encontramos famílias circense que vivem sobre formas degradantes, que como tantas outras famílias desse país, não conseguem acessar o mínimo para se reproduzir com dignidade.

Além disso, a atualidade da obra se revela na necessidade de sempre procuramos superar as problemáticas impostas a nossa vida, enfrentando nossa história e reconstruindo nosso eu, assim, como fez Maria.

Dessa forma, esperamos que o referido trabalho, contribua de forma propositiva, para as pesquisas na área da literatura infantil e juvenil, reforçando a necessidade da inserção da leitura de textos infantis, nas primeiras fases do ensino, para que ao chegar a universidade o/a aluno/a possua o hábito e o prazer pela leitura.

Por fim, desejamos ter despertado o interesse pela pesquisa na área, incentivando a leitura de obras como "*Corda Bamba*", no curso de Letras e nos demais cursos, levando a literatura infantil e juvenil para desmitificar a realidade, na qual estamos inseridos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOJUNGA, Lygia. **Corda Bamba**. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga LTDA. 24 ed, 2016.

\_\_\_\_\_. **Bolsa Amarela**. Rio de Janeiro: Casa Lygia BojungaLTDA, 2016.

CAMÕES, Luís Vaz de. **Soneto de Camões**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Tradução Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

CADEMARTORI, Lúgia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CARNEIRO, Raphael Marco Oliveira et al. O real e o imaginário na reorganização, reestruturação e renovação do ser: uma leitura de Corda Bamba (1979) de Lygia Bojunga. In: **Nucleus**, v.13, n.1, abr. 2016.

COLOMER, Teresa. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. São Paulo: Global, 2017.

HELLER, Eva, **A psicologia das cores: como cores afetam a emoção e a razão**. Tradução Maria Lúcia Lopes da Silva. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

MACIEL, Lílian Lima. Lygia Bojunga: Uma análise fabuladora. Universidade Federal de Uberlândia: **Revista do SEEL** V. 4, n 2, 2014.

SANTOS, Ludmila Oliveira. **Na corda Bamba: espaço da criança na obra de Lygia Bojunga**. 2006. 98fls. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Instituto de Letras – Departamento de teoria e literária e literaturas. Universidade de Brasília, Brasília – DF.